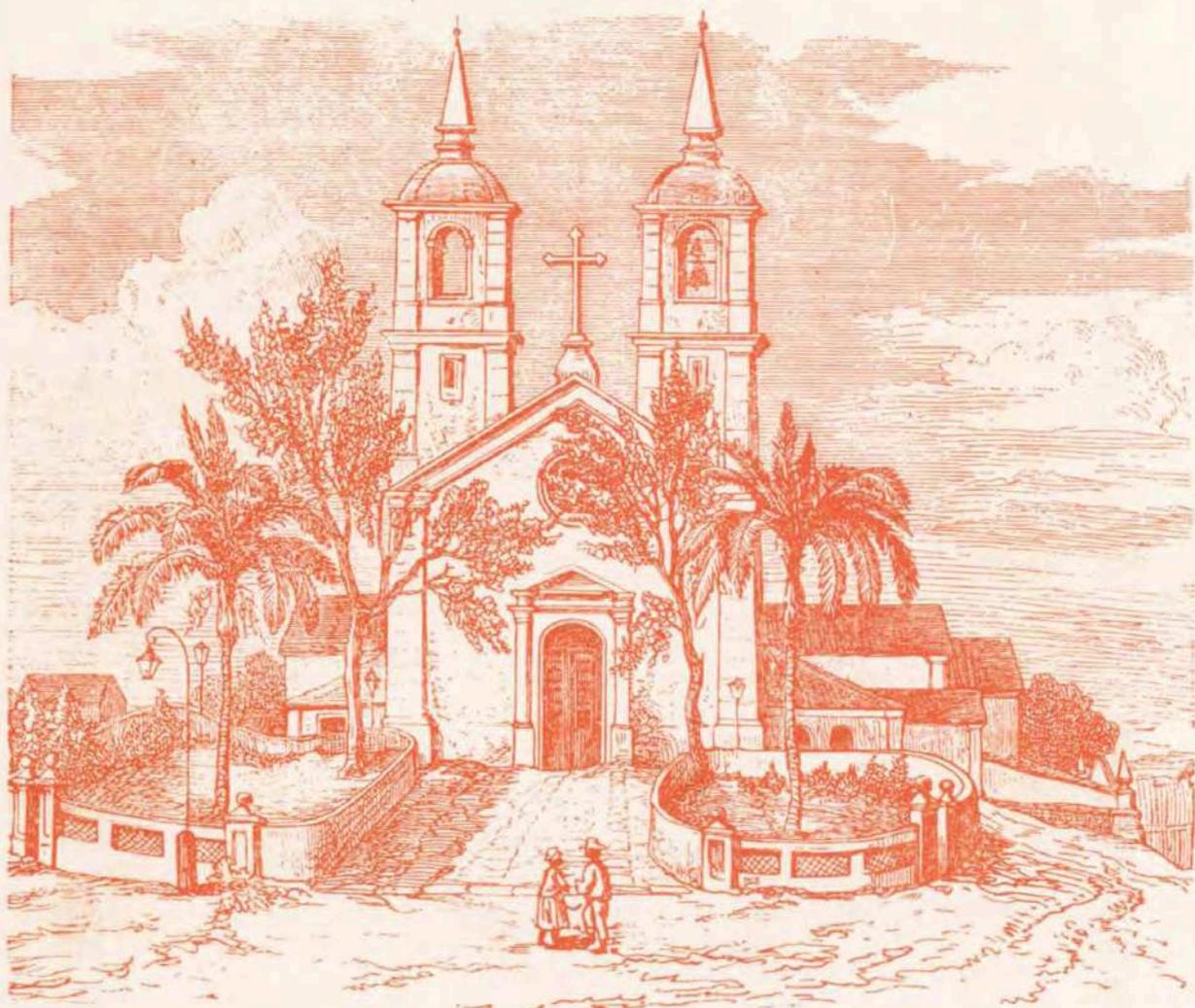


D. ANNEMARIE ASSEBURG  
Rua 15 de Novembro, 1046 - 1ª Andar

TAXA PAGA



# Blumenau em cadernos

TOMO XIV ★ JULHO DE 1973 ★ Nº. 7

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S.P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

# SUPLEMENTO DE

## "BLUMENAU EM CADERNOS"

TOMO XIV

—

JULHO DE 1973

—

Nº 7

### *Paróquia de S. Paulo Apóstolo - Blumenau*

#### — HISTÓRICO —

J. Ferreira da Silva

Neste ano de 1973, a 31 de julho, festeja-se o centenário da criação da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau.

A situação dos primeiros colonos católicos de Blumenau tem sido objeto de vários artigos em "Blumenau em Cadernos", onde se encontram muitas notas a respeito.

As primeiras levas de imigrantes alemães em Blumenau foram exclusivamente de evangélicos luteranos. Os primeiros católicos começaram a chegar de 1854 em diante. Foram sempre em número diminuto em proporção ao de protestantes.

Esses primeiros católicos, de início, iam cumprir os seus deveres religiosos, assistir às missas e receber os sacramentos, numa capelinha existente em Belchior.

Anos depois, em 1864, os católicos blumenauenses construíram, no mesmo local da atual igreja matriz, uma capelinha de ripas e cobertura de palmitos onde, a 25 de janeiro do ano seguinte, o Padre Alberto Gattone, vigário da vizinha freguesia de S. Pedro Apóstolo de Gaspar, veio celebrar a primeira festa de São Paulo, seguida de uma bela procissão.

Blumenau, política e religiosamente, estava sob a jurisdição espiritual dessa Freguesia de Gaspar. Mas, as relações entre o vigário e o Dr. Blumenau não eram das mais cordiais. Os desentendimentos entre ambos se repetiam constantemente.

Isso decidiu o fundador a atender aos anseios dos seus imigrantes católicos de terem um sacerdote para si, para o exclusivo atendimento da Colônia.

Tal desiderato foi conseguido em 1869, quando contratou-se oficialmente o Padre Guilherme Roemer para a cura de almas da Colônia Blumenau.

O Padre Roemer obtivera licença do seu bispo, na Alemanha, para servir no Brasil apenas por tres anos. Passado esse tempo, ele regressou à Europa. Blumenau voltou à jurisdição espiritual da Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, donde já o Padre Gattone havia se transferido para a Colônia Brusque, deixando como substituto o padre polonês Antônio Zielinski.

Em 1870, os blumenauenses católicos substituíram a primitiva capela por outra mais ampla, mas ainda de tábuas serradas e cobertura de telhas. Já então estava em construção, por parte da direção administrativa da Colônia, um templo bem maior, de alvenaria, em estilo gótico, sob planta do engenheiro Henrique Krohberger, cujas obras eram executadas por conta dos cofres públicos.

Por esse tempo, a população católica de Blumenau se resumia em 130 famílias com 853 almas.

Finalmente, com a matriz já bem adiantada na sua construção, o Governo Provincial sancionou a Lei N<sup>o</sup> 694 de 31 de julho de 1873, criando a Freguesia de Blumenau, sob a invocação de São Paulo Apóstolo.

Essa providência vinha sendo solicitada, desde algum tempo atrás, pelo Dr. Blumenau, como medida indispensável à futura elevação da sua Colônia à categoria de Município.

Com a retirada do vigário de Gaspar, os colonos católicos de Blumenau e as suas capelas (que, então, já eram em número de seis (6), a saber: Badenfurt, Testo Salto, Rio do Testo, Encano Baixo, Rio Morto e a da sede) eram visitadas, periodicamente pelo Vigário de Joinville, Padre Carlos Boegershausen e pelo jesuita sediado em Nova Trento, Padre J. Maria Cybeo.

A Freguesia criada pelo poder civil, entretanto, só poderia ser instalada com a referenda do poder eclesiástico, representado pelo Bispo Diocesano, então com sede no Rio de Janeiro, capital do Império. Essa providência só pôde ter adimplemento quase tres anos depois.

Em 1875 começaram a chegar à Colônia Blumenau levas de imigrantes tirolêses, austríacos e italianos em grande nú-

mero, o que aumentou de muito a soma de católicos. Estes, à proporção que iam se estabelecendo nas diversas linhas coloniais do interior, tratavam logo da construção de capelas, tendo por orago santos da sua devoção, ou dos patronos das localidades de onde provinham.

Dessa forma foram construídas diversas capelas, modestas e muito toscas, ou simples capitéis (conhecidos, por esse nome, pequenos oratórios à beira dos caminhos, geralmente) em Rodeio, dedicada à Nossa Senhora das Dores; em Ascurra, com Santo Ambrósio por padroeiro, outras duas na Linha de Rodeio sob a invocação de S. Vigilio e Santo Antônio; em Rio dos Cedros, sob o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição e diversas outras.

Os missionários citados, sobrecarregados com trabalhos dobrados, tiveram que amiudar as suas visitas aos colonos espalhados pelo interior de Blumenau.

Felizmente, em 1876 foram completados os entendimentos encaminhados no sentido de dotar Blumenau de um pároco efetivo, a exemplo do que acontecia com a Comunidade protestante. Veio para cá o Padre José Maria Jacobs, homem de grande cultura, de zelo apostólico e de extraordinária atividade.

Tão logo aqui chegou, esse Padre não limitou a sua diligência ao exercício do seu ministério sacerdotal, mas, entendendo, com razão, que sem um conhecimento razoável das primeiras letras e mesmo das ciências e linguas, a mocidade católica da colônia poderia, bem logo, desviar-se do verdadeiro espírito da Igreja em cujo seio viviam, tratou de fundar uma escola primária. No ano seguinte, acrescentou a essa escola um curso secundário, inclusive com o ensino do latim, do francês, do inglês e do alemão, de que o Padre era profundo conhecedor e, também, com o ensino de música, teoria e prática com aulas de piano e violino. Dois professores competentes o auxiliavam nessa tarefa.

O magistério, em que empregava a maior parte do seu tempo, não impedia as constantes e regulares visitas às capelas e aos moradores dos mais longínquos recantos da Colônia.

A 8 de fevereiro de 1878, o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, assinou ato erigindo canonicamente a Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, anteriormente criada pelo governo da Província e confirmou o Padre José Maria Jacobs como seu primeiro vigário.

A provisão episcopal tem o seguinte teor:

“Dom Pedro Maria de Lacerda, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, etc. Aos que a presente provisão virem, saúde e benção em Jesus Cristo, Nosso Senhor e nosso Deus. Fazemos saber que nos foi apresentada cópia da Lei Provincial Nº 694, de 31 de julho de 1873, pela qual o Governo da Província de Santa Catarina, na parte que lhe é relativa, sacionara o Decreto da Assembléia Provincial pela qual, precedendo licença do Ordinário, ficará criada uma nova Freguesia sob o título de São Paulo, no distrito da Colônia Blumenau, desmembrada da Freguesia de São Pedro Apóstolo e tendo por limites os mesmos do Distrito Colonial. Ao mesmo tempo nos foi apresentada outra cópia da Lei nº 679, de 23 de maio de 1872 que determinara os limites entre o Distrito da dita Colônia Blumenau e a Freguesia de São Pedro Apóstolo. Além disso recebemos o officio de 10 de janeiro de 1876, que o exmo. sr. Presidente da mesma Província nos dirigiu, afim de que déssemos instituição canônica à mencionada paróquia que estava civilmente decretada. E como não há circunstância alguma em contrário, antes pelo oposto achando nós razões mais de bastante conveniência para a ereção de mais esta paróquia no populoso distrito Blumenau, resolvemos preencher a cláusula da dita Lei Provincial nº 694 de 31 de julho de 1873, isto é, aprovar quanto é da nossa parte e nos é relativa à criação desta nova Paróquia com o que melhor poderão ser atendidas e remetidas as necessidades espirituais cada vez mais crescentes dos fiéis de Blumenau entregues à nossa solicitude pastoral, o que desde muito houveramos feito, se tivéssemos informações e cartas topográficas, como agora temos, embora ainda bem deficientes. Portanto, invocando o nome de Deus e para honra e louvor do bemaventurado Apóstolo e Doutor das Gentes São Paulo, nós tanto quanto podemos e é da nossa parte, por nossa autoridade ordinária e delegada pelo sagrado Concílio Tridentino, no capítulo IV da Seção XXI, havemos por bem, por esta nossa Provisão, de canonicamente separar, dividir e desmembrar da Freguesia de São Paulo Apóstolo e de quaisquer outras freguesias e curatos desta nossa Diocese, a povoação de Blumenau com sua capela de São Paulo e todos os moradores e mais capelas e oratórios e quaisquer estabelecimentos situados dentro dos limites acima apontados e que, abaixo vão por extenso declarados, e por esta mesma nossa Provisão e Autoridade já declarada conônicamente e para todos os efeitos eclesiásticos confirmamos, erigimos e instituímos em nova Paróquia, na forma, quanto é possível guardar, do Sagrado Concílio Tridentino, a sobredita povoação de Blumenau e todo o

mencionado território, e outrossim erigimos e constituímos em Igreja Matriz ou Paroquial a sobredita capela de São Paulo, sita na mencionada povoação de Blumenau. Ao mesmo tempo concedemos à dita Paróquia de São Paulo de Blumenau, agora cano-



A primeira matriz da Freguesia de São Paulo Apóstolo. Inaugurada em 1876 foi um dos mais belos templos do Estado. Nele teve lugar a instalação oficial de freguesia em 1878.

nicamente dividida, desmembrada e ereta pleno direito e faculdade para sem interrupção de tempo, ter sacrário em que se conserve o Augustíssimo Sacramento da Eucaristia, com o devido ornato e decência e a lâmpada acesa dia e noite, como também para ter Pia Batismal, cemitério para sepultura dos fiéis defuntos, campanários, sinos e todos mais direitos, privilégios, honras, insígnias e distinções de uma Igreja Paroquial. O Rev. Pároco respectivo haverá a cômgrua anual em conformidade das leis em vigor, como também os guisamentos da Paróquia e o que for aplicado à sua Fábrica para dar-lhes o devido destino e participará das

oblações matrimoniais e dos batismos e dos ofícios e enterramentos dos finados e de todos os mais direitos de estola e quaisquer benesses que legitimamente estiverem estabelecidos nas mais Paróquias desta nossa Diocese. E fique, outrossim entendido que a nova paróquia pertencerá à Câmara Eclesiástica de São Francisco. Esta nossa Provisão será publicada na novamente ereta Matriz em um Domingo ou Dia Santo, à estação da Missa para que chegue à notícia de todos, do que se passará certidão no verso deste. E para todo o tempo constar, será esta nossa Provisão copiada e registrada em nossa Câmara Eclesiástica e no Livro de Tombo, que além dos mais livros paroquiais deverá ha-

ver nesta nova Freguesia e será transcrita nas mais partes, onde convier. Mandamos ao rev. Pároco que for nomeado, que envie cópia desta nossa Provisão a todos os reverendos Vigários e Curas das Freguesias e Curados vizinhos da Comarca e Arcipreste da Província. Dada e passada nesta corte do Rio de Janeiro sob nosso sinal e selo da nossa chancelaria aos oito de fevereiro de mil oitocentos e setenta e oito. Eu, Cônego Dr. Pedro de Alvim Lima, secretário interino a subscrevi. (Ass. :) Pedro, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

A seguir vinham determinados os limites da jurisdição da nova Paróquia.

Com a presença das autoridades locais, a Freguesia foi solenemente instalada a 2 de junho de 1878, conforme se vê da ata então lavrada e que por ser documento de suma importância para a história da Freguesia, reproduzimos a seguir:

“Auto da instalação da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau. Aos dois dias do mes de junho do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e oito, nesta Colônia Blumenau da Província de Santa Catarina, Termo e Comarca de Itajaí e na Igreja Matriz da Freguesia de São Paulo de Blumenau, presentes o reverendo Vigário Padre José Maria Jacobs, o Juiz de Paz em exercício o cidadão Dr. Frederico Müller, o sub-delegado de Polícia, o cidadão Júlio Baumgarten, o diretor da mesma Colônia, Dr. Hermann Blumenau, os empregados da Diretoria da Colônia Hermann Wendeburg, Teodoro Kleine, Henrique Avé-Lallemant, Henrique Krohberger e mais cidadãos e habitantes gradados da Freguesia abaixo assinados, procedeo o reverendo Vigário à leitura da Provisão do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Diocesano canonizando esta Freguesia, seguindo depois a leitura da Provisão que encomendava o dito Padre José Maria Jacobs, Vigário desta mesma Freguesia e findas estas foi declarado pelo Juiz de Paz, Vigário e Sub-delegado e mais as outras autoridades presentes, que desta data em diante se achava instalada a Freguesia, empossado o seu Vigário e que passava ela a gozar de todas as funções civis e religiosas prescritas pela Constituição e mais Leis do Império e pelos sagrados Cânones. Do que, para constar se lavrou este auto por mim Augusto Gloeden Junior, Escrivão do Juizo de Paz em que todos assinam neste livro de Tombo desta Igreja Matriz, para dele se extraiem certidões a fim de serem remetidas à Câmara Municipal deste termo, ao Exmo. Bispo Diocesano, ao Exelentíssimo Presidente da Província e à Diretoria da Colônia Blumenau. Eu, Augusto Gloeden

Junior, Escrivão do Juiz de Paz, o escrevi e assino. (Assinados:) José Maria Jacobs, vigário; Frederico Müller, Doutor em Filosofia, medicina e Ciências Naturais pelas Universidades de Berlin, Bonn e Tuebingen, juiz de Paz em exercício; Júlio Baumgarten, juiz de paz mais votado e Sub-delegado de Polícia; Dr. Hermann Blumenau, Diretor; H. Wendeburg, Guarda-livros; Teodoro Kleine, escrevente; Henrique Krohberger, Arquiteto; Henrique Avé-Lallemant, escrevente; Victor Gaertner, Cônsul Imperial da Alemanha; Francisco Vallotton, Dr. med.; Otto Stutzer, fiscal; Carlos Guilherme Friedenreich, juiz de paz; Carlos Friedenreich, suplente de Polícia; Apolônia de Buettner Scheeffe, Professora Pública; João Maria de Almeida Portugal, chefe da Comissão de Engenheiros; João Breithaupt, agrimensor; Carlos Kulps, Inspetor de Quarteirão; Francisco Faust, Inspetor de Quarteirão; A. Keunecke; Xavier Buggmann; Augusto Sutter; Johann Wloch; Sebastião Treis; Augusto Heppmann; Paulo Zoz; Jacob Theis e Augusto Gloeden Junior.”

Ficava, assim, regularizada a situação jurídica e religiosa da Freguesia, entrando o respectivo Vigário no gozo de todas as prerrogativas que as Leis do Império e os Cânones Eclesiásticos lhe atribuíam.

Ativo e zeloso, o Padre Jacobs passou a desenvolver maior atividade, tanto na sede da Freguesia, como pelo interior onde o número de habitantes católicos aumentava de dia a dia, crescendo, igualmente, as suas necessidades espirituais e, em consequência, as responsabilidades do Cura das almas.

Novas capelas foram construídas, novas comunidades foram organizadas, entrando em funcionamento outras associações paroquiais e aulas de doutrina cristã.

Em 1882, em julho, realizou-se, na igreja matriz, a primeira eleição para a Câmara Municipal.

A exemplo do que se costumava fazer em grande parte das paróquias brasileiras, o Vigário de Blumenau, durante a



O padre José Maria Jacobs, primeiro vigário da Freguesia de São Paulo Apóstolo.

votação, conservava fora do templo as sagradas espécies, evitando, assim, os desrespeitos e desacatos à Eucaristia por parte de eleitores incrédulos ou desabusados.

Durante todo o período de seis anos em que o município ainda viveu sob o regime monárquico, as relações entre o Vigário e as autoridades municipais, empossadas com a instalação do Município em 1883, foram normais, não tendo havido maiores atritos entre elas.

Na enchente de 1880, quando as águas do Itajaí Açu atingiram o nível de 16 metros acima do normal, submergindo ruas e prédios inteiros a matriz de Blumenau serviu de abrigo a centenas de flagelados que ali passaram vários dias e noites. O Padre Jacobs providenciou alimentação para todos.

Com a mudança do regime e conseqüente queda do trono de D. Pedro II, a vida até então tranquila do Vigário de Blumenau também sofreu alterações. Não conformado com o exílio do Imperador e com a separação da Igreja do Estado, o Padre Jacobs chefiou a direção local do Partido Católico, entrando abertamente em campanha política. Isso e a desobediência a leis republicanas que obrigavam a celebração do casamento civil antes do religioso, trouxeram ao Padre aborrecimentos e desgostos sem conta que lhe abalaram, inclusive, a saúde muito profundamente.

Assim, em 1892, o Padre Jacobs entregou a direção da Paróquia com as suas treze capelas e mais o Colégio São Paulo aos Padres Franciscanos alemães que, pouco antes, haviam chegado a S. Catarina e, combalido pelos sofrimentos físicos e morais resolveu regressar à sua terra natal, a Alemanha.

Não chegou, entretanto, a realizar esse seu sonho por vários anos acariciado. Na passagem pelo Rio de Janeiro, foi acometido pela febre amarela e veio a falecer no Hospital da Gamboa, a 1<sup>o</sup> de agosto do mesmo ano. Seus restos mortais, trasladados por iniciativa do Frei Estanislau Schaette, descansam, hoje, na matriz de Blumenau.

Assumiu, então, o cargo de Vigário da Paróquia o Frei Zeno Wahllbroel, nele se conservando até 1895. Nesse mesmo ano, com a morte do Padre Henrique Matz, ficou vaga a paróquia de São Pedro de Gaspar. Esta passou também a ser administrada pelos Franciscanos de Blumenau, da mesma forma como, anos mais adiante, passaram a ser dirigidas pelos Franciscanos as paróquias de Luiz Alves e Jaraguá.

O Frei Zeno Wahllbroel foi substituído pelo Frei Herculano Limpinsel até 1898, quando o primeiro voltou a ocupar o lugar até 1902.



Interior da primeira matriz de São Paulo, num dia de solene primeira Comunhão de crianças. Com dois altares laterais, o côro da matriz apresentava imponente aspecto com a imagem do Apóstolo São Paulo no altar mor.



Interior da atual igreja matriz de São Paulo Apóstolo de Blumenau, em hora de missa dominical. É sempre crescente o número de fiéis que assistem às seis missas celebradas nos domingos e dias festivos.

Em 1900 deu-se o primeiro desmembramento do território da Paróquia com a criação do Curato de Rodeio a que ficaram subordinados todos os católicos da região povoada, principalmente, pelos elementos de língua italiana, com 23 capelas a serem visitadas regularmente.

O primeiro cura de Rodeio foi o Frei Lucínio Korte, homem muito piedoso e empreendedor, que prestou relevantes serviços a toda a vasta região sob sua direção espiritual.

O Frei Zeno foi substituído pelo Frei Wendelino Winkens (1902) a (1904) e este pelo Frei Crisólogo Kampmann (1904 a 1905), seguido do Frei Marcelo Baumeister (1906 a 1909, 1914 a 1917, 1926 e 1927), o Frei Osvaldo Schlenger (1909 a 1911, 1913 a 1914 e 1919), o Frei Solano Schmidt (1911 a 1913); o Frei Modestino Oechtering (1917 a 19, 1932 a 1935 e o Frei Daniel Hostin (depois primeiro bispo de Lages).

Durante o vicariato do Frei Daniel fizeram-se modificações no corpo da Igreja Matriz com o acréscimo das capelas laterais e alteração da estrutura da torre, para que esta suportasse o peso dos novos sinos, em número de tres, mais pesados e bem maiores que os dois sinos primitivos. Também um relógio foi colocado na nova torre.

O Frei Daniel foi substituído pelo Frei Marcelo (pela terceira vez), pelo Frei Felipe Niggermeier (1928 a 1932), pelos Frei Protásio Keewe (1935 e 1939 a 1940), Frei Meinrado Vogel (1936 a 1939), Frei Gentil Scheid (1941 a 45), Frei Joaquim Orth (1945 a 1952), Frei Brás Reuter (1952 a 1965), Frei Francisco Freise (1965 a 1968) e Frei Bernardo Hoelscher (1968 até a atualidade).

Durante o paroquiato do Frei Brás Reuter foi demolida a antiga e construída a nova matriz da Paróquia em estilo avançado, mas dentro das regras da liturgia. Com a sua grande torre, verdadeiro monumento de granito e mármore, esse templo é, sem favor, um dos mais belos e imponentes do País, constituindo-se numa das maiores atrações turísticas de S. Catarina.

Desde a sua criação, em 1873, a Freguesia de São Paulo de Blumenau esteve sob a jurisdição do Bispado do Rio de Janeiro até a criação da Diocese de Curitiba, em 27 de abril de 1892. O primeiro Bispo desta última foi Dom José de Camargo Barros que já em 1895, fez uma visita pastoral a Blumenau, aqui se demorando por tres dias e meio (1<sup>o</sup> a 4 de setembro). Essa foi a primeira visita oficial de um prelado a Blumenau.

Dom José tornou a visitar Blumenau em 1902, de 5 a 23 de setembro.

A terceira visita pastoral a Blumenau foi feita por D. Duarte Leopoldo, substituto de Dom José, na Diocese de Curitiba, de 31 de agosto até 14 de setembro de 1905.

Com a criação, em março de 1908, da Diocese de Florianópolis, Blumenau passou para a sua jurisdição.

Dom João Becker, o primeiro bispo catarinense, fez a sua primeira visita pastoral a Blumenau de 13 a 17 de maio de 1909.

Sob a jurisdição eclesiástica de Florianópolis, Blumenau permaneceu até a criação da Arquidiocese de Santa Catarina e da Diocese de Joinville, passando a integrar esta em 1927.

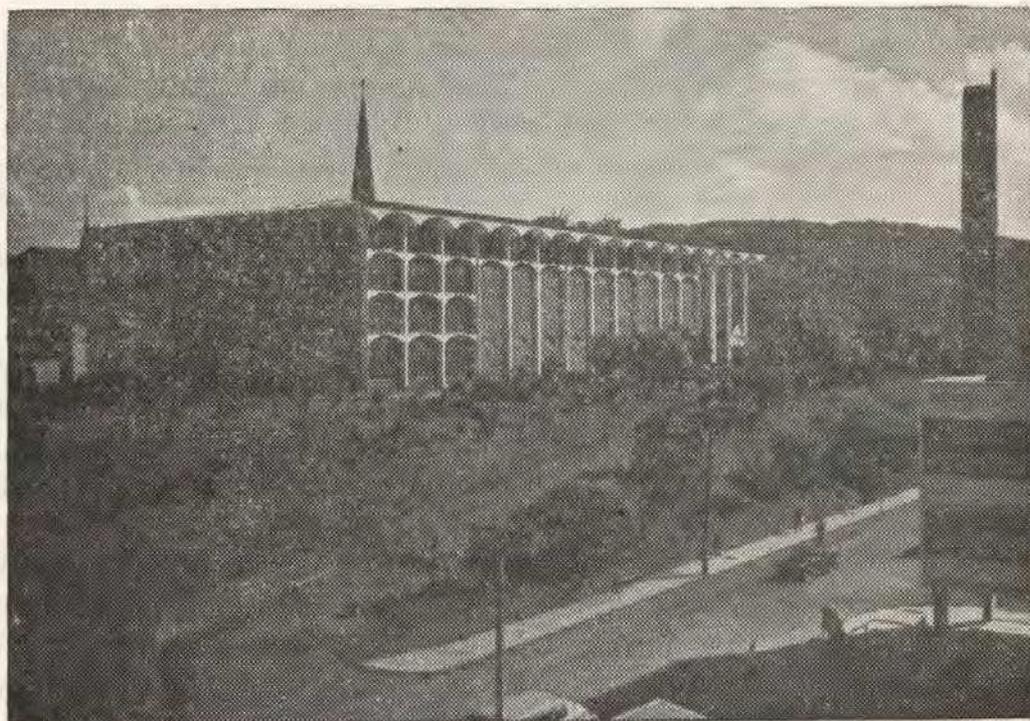
O primeiro bispo de Joinville, Dom Pio Freitas, natural de Minas Gerais fez visita pastoral, pela primeira vez, em 1929.

Em virtude do grande crescimento da população católica de Blumenau e do extraordinário desenvolvimento econômico e cultural do Município, a Paróquia, apesar de restrita ao pequeno território sobre o qual, atualmente, exerce jurisdição, em virtude dos muitos desmembramentos sofridos, ao correr dos anos, para a constituição de novas parcelas administrativas autônomas, várias capelas da Paróquia de São Paulo Apóstolo foram desligadas para se formarem novas paróquias.

Assim, o atual território do Município de Blumenau, com uma superfície de, apenas, 500 Km<sup>2</sup>. está eclesiasticamente dividido em sete paróquias: seis no perímetro urbano (Blumenau, Garcia, Velha, Escola Agrícola, Itoupava Norte, Vila Nova) e uma no Distrito de Vila Itoupava.

Sob a direção, hoje, do Frei Bernardo Hoelscher, a Paróquia de Blumenau pode se ufanar do desempenho que, nesses cem anos passados, tem dado à tarefa meritória que lhe incumbe. Tem servido com zelo e dedicação à causa de Deus, da Comuna e da Humanidade, cooperando eficientemente para o engrandecimento de Blumenau, de Santa Catarina e da nossa grande e gloriosa Pátria Brasileira.





A moderna igreja matriz de Blumenau. Juntamente com a magnífica torre, o busto do Padre José Maria Jacobs, primeiro Vigário e o adro belamente ajardinado e sempre florido, a matriz forma um conjunto monumental, de imponente beleza, tornando-se um dos maiores pontos de atração turística da cidade.

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XIV

Julho de 1973

Nº. 7

### AS VISITAS DO CONDE D'EU A SANTA CATARINA

A. A. DA LUZ

«II»

Continuação

Pela 2ª. vez o Conde D'Eu, príncipe consorte na casa reinante do Brasil, visita Santa Catarina, isto em fins de 1884, também já quase no final do Império, quando ainda ninguém suspeitava a próxima queda do trono.

Desta vez, como numa preparação para a esperada entronização da herdeira do trono, vem acompanhado nesta viagem ao sul, da Princesa D. Isabel e de seus filhos, os Príncipes D. Pedro (que depois abdicou), D. Luiz (que escreveu mais tarde o livro «Sob o Cruzeiro do Sul») e de D. Antônio.

Depois de visitarem São Paulo, Tomam em Santos o vapor «Rio de Janeiro» que os deixam em Paranaguá. O Conde D'Eu desembarca e depois de visitar Curitiba, vai por terra a São Bento, Joinville e São Francisco, sendo festivamente recebido nestas três localidades Catarinenses. «Seguindo viagem pela estrada da Serra (Dª. Francisca), formou-se um préstito de 20 carruagens, todas enfeitadas e armadas com fôlhas de Palmeiras, conduzindo o ilustre viajante até o Palácio do Príncipe, onde fechou residência durante sua estada na Colônia. Permaneceu Sua Alteza três dias em Joinville» (Carlos Ficher - Blumenau Cadernos nº 6 pg 118).

Em São Francisco o conde embarca no baquete «Humaitá» para conduzi-lo a Desterro, passando antes por Itajai e neste pôrto, transferindo-se para o navio Fluvial «Progresso» vai visitar Blumenau. Vejamos o que diz um cronista: Quinze de dezembro de 1884. Dia de festa

para Blumenau. As ruas estão engalanadas de palmeiras e bandeiras. Espera-se Sua Alteza Imperial o Conde D'Eu, em visita oficial. Comprido na área do porto, o povo aguarda o grande momento da chegada. Súbito, o «Progresso» abita na curva do Cpim-Volta. Começa o foguetório, a bandinha rompe um dobrado, sobem à bordo as autoridades, para os cumprimentos protocolares.

E momentos após, sob intensas aclamações, pisa o real visitante, o solo blumenauense».

Em Paranaguá D. Isabel e os filhos tomaram o navio «Rio Grande» e conforme o combinado, chegaram, juntamente com o Humaitá» ao Desterro às 8:30 hs da manhã do dia 17 de dezembro. Vejamos o que diz o historiador Carlos Pereira (\*\*): «Em lanchas a vapor e escaletes, foram a bordo dos navios o Presidente, da Província, Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, e demais autoridades, a fim de cumprimentar os ilustres visitantes e trazê-los para terra, efetuando-se o desembarque às 9 horas, na ponte junto do mercado (velho, onde hoje é o Mira-Mar). O povo aglomerava-se no Cais e estendia-se pela praça Barão da Laguna (hoje, 15 de novembro) e acompanhou os Príncipes intinerantes até a matriz, onde se realizou o «Te Deum» mandado celebrar pela câmara Municipal, em ação de graças pela feliz chegada dos augustos membros da família imperial, sendo celebrante o Cônego Elói de Medeiros, vigário da Paróquia. A música da Capela foi regida pelo professor Francisco Costa.

Finda a cerimônia, SS. AA. II. partiram para a «praia de Fára», ficando ali hospedados no «Chalet» de propriedade do comendador Virgílio José Vilela (na hoteleira chácara do Bispo, onde está o palácio Arquiepiscopal), tendo este oferecido aos recém vindos um almoço, indefectivamente opíparo. À noite, houve luminárias, e os príncipes deram um passeio pelas ruas mais frequentadas da capital. Tudo o que era digno de ser visto foi mostrado, em dias sucessivos, ao Conde D'Eu e a princesa Isabel: a Igreja do menino Deus (onde assistiram à missa de sexta-feira), o Hospital de caridade, o cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos, o Hospital Militar, o Depósito de artigos Belicos, o Paço Municipal, o Liceu de Artes e ofícios, a Fortaleza de Santa Cruz e a coluna inacabada erigida na praça Barão da Laguna, em memória «dos feitos dos catarinenses na guerra do Paraguai».

Uma tarde o Conde foi de carro ver dar um «laço com rêde» na praia de José Mendes. «Pouco depois, os príncipes recebiam no «Chalet» da praia de Fára os cumprimentos de diversas comissões de funcionários públicos, do corpo de saúde, etc, e na noite seguinte, assistiram no teatro Santa Isabel (construído em 1857 e, desde 1894 denominado Álvaro de Carvalho), ao espetáculo realizado em sua homenagem pela sociedade Fraternal Beneficente.

Às 11:30 hs de 21 de dezembro, realizou-se no salão de honra do Palácio do Govêrno (o antigo) uma solenidade que deveria ter sensi-

bilidade profundamente a Princesa Isabel - a concessão de «20 cartas de liberdade» (à escravos alforriados) discursando na ocasião o Presidente da Província que terminou pedindo a S. A. se dignasse entregar as referidas cartas aos beneficiários». «À noite, realizou-se em homenagem aos Príncipes uma imponente «Marche aux Flambeaux» (passeata com luzes). Saiu o préstito das proximidades da câmara municipal e dirigiu-se para a praia de Fára. Precedia-o (se) a banda musical «Trajano», sendo levado à frente um painel com os dizeres - «O povo a SS. AA. II.» Chegados a residência dos príncipes os manifestantes prorromperam em vivas, «recitando por essa ocasião um sonêto o Sr. Wencelau Bueno e uma alocução o Sr. Arnibant Furtado, promotor público da comarca».

Daí à dois dias, a 25 de dezembro (dia de natal) o Conde D' Eu embarcou pela manhã no «Humaitá» para visitar Laguna, donde voltou a 28. No dia 29 às 7 horas da tarde SS. AA. II. e comitiva embarcaram no paquete «Rio Pardo» com destino a Província do Rio Grande do Sul, deixando a Província de Santa Catarina e sua Capital, Desterro plenamente satisfeitos com a imperial visita.

(\*) O pioneiro - Celso Liberato, em «Blumenau em caderno», tomo VII, nº.7

(\*\*) A viagem de suas altezas Imperiais - Carlos da Costa Pereira, em «Blumenau em Caderno», tomo V, Nº 4



**A** Ilha de Santa Catarina foi separada da Capitania de São Paulo e subordinada à do Rio de Janeiro, por aviso de 11 de Agosto de 1738. O seu primeiro governador foi o brigadeiro Joseph da Silva Paes que tomou posse do cargo a 7 de março do ano seguinte.



## Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

(Reg. Min. Trabalho nº. 3)

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº. 1895, de 15-12-72

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina

# VALE DO TURISMO

CELSO LIBERATO

Ainda que coisa batida e badalada demais, está sempre na crista da onda, cada vez mais atualizado, o famoso slogan da «Indústria sem chaminés», com que se designam as atividades turísticas.

E para isso há o exemplo de vários países que têm na bem planejada exploração do turismo, valioso contribuinte de sua renda nacional, como a Espanha, a Itália, a Suíça e outros.

Em Santa Catarina, terra ricamente prendada pela natureza, a indústria do turismo aos poucos se vai liberando da fase inicial das promessas para se firmar em palpável realidade.

E em Blumenau, a corrente turística está a engrossar de dia para dia, incrementada pela melhoria das estradas e a construção de modernos hotéis e restaurantes típicos, além de empreendimentos marcadamente recreativos, como o vapor «Blumenau II», o Motel Paraíso dos Poneis, o Refúgio e outros de iguais finalidades.

Concorrem com esses fatores, a diversificada produção industrial, o progresso comercial e sobre tudo as atraentes belezas nativas da região e seus costumes tradicionais.

Mas há ainda muita coisa a mostrar e revelar.

Exemplo disso é o Vale do Garcia, onde, pelo que se sabe,

foram os Garcia de Camboriú os primeiros a ali se fixarem com suas famílias, plantas e gado.

Daí, o rio Garcia, o bairro do Garcia, o Vale do Garcia.

Sobe-se o Vale e á nossa frente, em sucessão de beleza, a mata virgem, o recorte dos morros, as águas cascadeantes do rio. E de longe em longe, as casinhas típicas, encortinadas e floridas dos pequenos sítios e granjas que compõem o sistema econômico do Alto Vale, de formação nitidamente pastoril e agrícola.

E como suplemento, a pureza dos ares livres de poluição e o silêncio de êrmo reinante naqueles domínios de águas e matas.

Mas em matéria de coisas raras e belas não fica nisso o verde Vale do Garcia.

Lá estão as históricas minas de prata, hoje abandonados e afogadas de mato, mas onde houve, no passado, muita lavra de prata e chumbo e ainda agora são alvo de natural curiosidade.

Lá está o parque Schadrack a resguardar do corte do machado velhos cedros e canelas e a preservar de completo extermínio a nossa já tão dizimada fauna de passáros e bichos.

E mais para os confins, num vivo remate á paisagem campestre, o lendário Spitzkopf, tão procurado

e apreciado pelos amantes do alpinismo e pelos que anseiam o inesperado das deslumbrantes vistas panorâmicas.

Com matéria prima desse quilate, não será difícil ao meu amigo Prefeito Felix Theiss, homem ligado á região, cogitar da implantação da infra-estrutura turística do Vale, a começar pelos

trabalhos de retificação e alargamento da estrada atual.

E enquanto isso, correm as águas e cantam os pássaros no Alto Vale do Garcia que entesoura as mais promissoras reservas turísticas de Blumenau.

Ê O VALE DO TURISMO.

\*\*\*\*\*  
\* EFEMÉRIDES CATARINENSES \*  
\* \*\*\*\*\*

MES DE JULHO

- 1º - 1817 - Em Desterro, capital da Província, foi criada a Junta da Fazenda que substituiu a Provedoria da Fazenda, até então em funcionamento.
- 1821 - O governador da Capitania, João Vieira Tovar e Albuquerque, lança uma proclamação jurando as bases da Constituição Portuguesa.
- 1861 - «Argos», o jornal de propriedade de José Joaquim Lopes, passa a publicar-se diariamente.
- 2 - 1883 - Com 76 anos de idade, falece em Desterro o Padre-mestre José Leite Mendes de Almeida, homem de muita cultura e de grandes serviços prestados à Província.
- 3 - 1767 - É concedida pelo bispo do Rio de Janeiro licença para a construção da capela do Senhor dos Passos, na igreja do Menino Deus, em Desterro.
- 1818 - Data do nascimento do marechal Guilherme Xavier de Souza que seria comandante-em-chefe do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai.
- 4 - 1903 - Inauguração do povoado de Dionísio Cerqueira, antigo Barracão, na divisa entre S. Catarina, Paraná e a República Argentina.
- 6 - 1904 - O Supremo Tribunal Federal dá ganho de causa ao Estado de Santa Catarina, na questão de limites com o Paraná.

- 7 - 1897 - Fundação da Colônia Hansa-Humbold.
- 8 - 1883 - É instalado o Município de Brusque.
- 1906 - Em Tijucas, aparece o semanário «O Tijuquense».
- 9 - 1771 - Provisão desta data autoriza a fundação da Armação da Lagoínha, na Ilha de S. Catarina.
- 10 - 1909 - Lançamento da pedra fundamental do reservatório de água potável do Morro do Antão, na Ilha de S C.
- 11 - 1867 - Falece o Arcipreste da Província, Padre Antônio de Santa Pulchéria Mendes de Oliveira.
- 12 - 1865 - Fundeia no porto de Desterro o vapor que conduzia S. M. o Imperador D. Pedro II, em sua primeira visita aos campos de batalha do Sul.
- 13 - 1892 - Criado em Joinville o Corpo de Bombeiros Voluntários que, até hoje, vem prestando assinalados serviços à população.
- 14 - 1893 - Os partidários do Dr. Hercílio Luz em Tijucas e Tubarão tomam posse das respectivas Câmaras Municipais, depondo os seus intendentes.
- 15 - 1715 - Frei Agostinho da Trindade realiza o primeiro batizado verificado em Desterro.
- 16 - 1853 - Falece o Coronel Agostinho Alves Ramos fundador da cidade de Itajaí.
- 17 - 1748 - Por provisão do Conselho Ultramarino é mandada edificar a matriz de Nossa Senhora do Desterro.
- 19 - 1889 - Assume a presidência da Província, o Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, último administrador da Província no regime monárquico.
- 20 - 1821 - Toma posse da Presidência da Província o Tenente-Coronel Tomaz Joaquim Pereira Valente.
- 22 - 1839 - As forças marítimas dos Farrapos atacam os navios imperiais, no porto de Laguna, tomando as escunas «Itaparica» e «Sant' Ana».
- 23 - 1865 - É benzida e entregue a bandeira do 25º. Batalhão de Infantaria, composto de voluntários catarinenses.
- 24 - 1873 - Criada a Comarca de São Sebastião de Tijucas pela lei nº 691.
- 25 - 1884 - O Ministério da Agricultura incumbe o Frei Luiz Cemitille de fundar aldeamentos silvícolas em S. Catarina.

- 26 - 1828 - É ereta em capela curada a capela da Mata do Caminho do Sul, no Rio Negro (hoje cidade de Mafra).
- 27 - 1768 - Dá-se começo, em Desterro, à construção da capela do Senhor dos Passos, na igreja do Menino Deus e que ficaria pronta no ano seguinte.
- 28 - 1851 - O cruzador inglês «Locust» entra pela barra do sul e apresa junto à Hha dos Cardos o brigue-escuna «Novo Mello». Nesse brigue o Dr. Blumenau embarcara muitos objetos, plantas e ferramentas destinadas à sua Colônia, tendo perdido tudo.
- 29 - 1857 - Lançada a pedra fundamental do Teatro Santa Isabel, hoje Teatro Álvaro de Carvalho.
- 30 - 1778 - Dando cumprimento ao tratado de paz com a Espanha, as tropas castelhanas evacuam a Ilha de Santa Catarina, por elas ocupadas no ano anterior.
- 31 - 1873 - A lei nº 693 e 694 cria as freguesias de São Luiz de Gonzaza, de Brusque e a de São Paulo Apóstolo, de Blumenau.

(Do livro de Lucas Boiteux «Efemérides Catarinenses» editado em 1921).

## SÃO JOAQUIM A CIDADE DA NEVE

OTTO LACZYNSKI

No planalto do nosso Estado, em altitude de 1360 metros sobre o mar, distante de Lajes 84 kilometros, por boa estrada, está situada a simpática cidade de São Joaquim, fundada em 1887, pelo paulista Manoel Joaquim Pinto, do qual residem ainda descendentes no interior do Município e o conhecido médico Dr. Pinto Arruda, residente em Florianópolis, é neto do fundador.

O Município possui 26 mil habitantes, dos quais 9 mil no perimetro urbano, com um bom comércio, bons hotéis, uma bonita igreja matriz, de atração turística, construída exclusivamente de blo-

cos de pedra ferro, sem o emprego de um único tijolo, um ginásio coberto, de momento o maior de Santa Catarina, tres agências bancárias, a do Banco do Brasil S/A, do Banco de Santa Catarina S/A. e do Banco Brasileiro de Descontos S/A. e ainda boas residências, pois quem espera encontrar ali um pequeno aglomerado de casas de madeira, está completamente enganado.

A renda do Município provem em 80% da extração e comércio de madeira, e os restantes 20% da pecuária, agricultura e fruticultura, sendo que nos últimos anos foram plantadas mais de 100 mil macieiras.



A cidade de São Joaquim sob uma das mais fortes nevadas. É um espetáculo que se repete a cada inverno e que atrai para a mais alta cidade brasileira crescentes caravanas de turistas de todo o país.

Visitamos São Joaquim em fins de junho, fazendo parte de um grupo de 34 pessoas, esperando encontrar neve e sentir frio, pois ali, considerada a cidade mais fria do Brasil, o termômetro baixa no inverno até 12 graus negativos, sendo frequente as nevascas, entretanto o que sentimos em compensação foi valor humano.

Chegamos pelas 4 horas da tarde e instalamo-nos no Hotel Nevada, onde logo nos veio procurar o Sr. Prudente Cândido Filho, Diretor do Departamento Municipal de Turismo, a fim de convidar-nos, em nome do Sr. Prefeito Municipal, Dr. Egidio Martorano, para um prato típico em um clube da cidade, para o qual fomos conduzidos logo a noite e fomos servido um saboroso arroz carreteiro e como foi providenciado ainda um bom gaiteiro, componente do Centro de tradições gaúchas, divertimo-nos á valer.

Compareceu ao agape ainda o Sr. Juiz de Direito da Comarca, Dr. Nelson de Souza Infeld. Ao fim do jantar falou em nome do executivo o Sr. Prudente Cândido Filho, agradecendo em nome dos excursionistas e nosso companheiro Sr. Hermann John o qual tinha organizado a bem sucedida excursão.

De grande atração turística é ainda a Serra do Rio do Rasto a qual infelizmente decemos abaixo de chuva, sendo a visibilidade praticamente nula. A estrada desce de quase 1400, em 12 quilômetros, para 80 metros sobre o mar, altura da cidade de Lauro Mueller, no pé da serra.

Quem deseja visitar São Joaquim, o que vale a pena, basta escrever ou telefonar ao Sr. Prudente Cândido Filho, na Prefeitura Municipal, que tratará da reserva de hotel, pois além do Hotel Nevada, existe o Hotel Maristela, também recomendado.

## SÃO FRANCISCO DO SUL - TERRA DA BABITONGA

ARNALDO S. THIAGO

Desde o ano de 1903, em que deixei o Lar paterno para iniciar meu curso de professor, na antiga ESCOLA NORMAL CATARINENSE, venho guardando cartas, brochuras e recortes de jornais, sendo que, de maio de 1928, quando nasceu o meu primeiro neto e já se achavam no Rio de Janeiro, estudando, os dois filhos, o primogênito e o quarto, acentuou-se de tal modo esse propósito de ir arquivando todas as cartas e quaisquer recortes que me interessassem, que o acervo de tais coisas é hoje enorme. Natural, pois, que de vez em quando apareça qualquer reminiscência, ao mexer nesses papéis, que mereça publicidade. Foi o que hoje aconteceu. Para esta página dos instrutivos cadernos que o meu caro amigo e colega da Academia Catarinense de Letras, J. Ferreira da Silva, vem há tantos anos heroicamente mantendo, com o título de «BLUMENAU EM CADERNOS», transcrevo sem alguma alteração, os rascunhos que me chamaram a atenção:

«James C. Fletcher, que esteve no Brasil entre os anos de 1851-1865, escreveu, de colaboração com seu colega Daniel P. Kidder que o precedeu na propaganda do Protestantismo em nosso país, um livro intitulado «O Brasil e os Brasileiros», do qual, na tradução de Elias Dolianiti, extraímos a seguinte parte que diz respeito a São Francisco:

«São Francisco é uma antiga cidade que, evidentemente, teve melhores dias. A chegada de um estrangeiro com uma profissão tão singular como a que tenho (x), produziu sensação na sociedade habitualmente estagnada desta parte norte da província de Santa Catarina. Todas as pessoas desocupadas, conservadoras, e mesmo alguns homens de negócio, e até mesmo o padre, vieram ver os novos livros. O sacerdote não encontrou objeção para fazer, e não se haviam passado duas horas e já os tinha todos distribuídos, fazendo em seguida os meus preparativos para subir o Rio São Francisco do Sul, até às colônias alemãs e francesas, fundadas nas terras que pertenceram ao Príncipe de Joinville. Entrementes, na companhia do Sr. V. e de dois novos conhecidos, ambos alemães, demos uma volta pela cidade, que está lindamente situada na ilha separada do continente apenas por um pequeno estreito. Diante de nós estendia-se uma baía de três milhas de largura e seis de comprimento. É bem protegida do oceano, e nela deságua o rio São Francisco do Sul, que corre das montanhas que erguem seus verdes cumes muito ao longe. Essa escarpada serra, em sua maior altura, tem mais de quatro mil pés acima do nível do mar, e da sua raiz no interior até a rica planície em que está situada Curitiba, há uma elevação gradual de vinte milhas. Com uma população ativa, essa região - que, no que respeita à fertilidade e ao clima, é uma das melhores do mundo - teria uma cultu-

ra florescente não excedida pelos ricos campos da Lombardia ou pelas plantações-modêlo de Midlothian. Havia grandes esperanças, no começo deste século, que São Francisco do Sul se tornaria um florescente mercado, em virtude da estrada que veio abrir as altas planícies ao comércio da baía de São Francisco. Além disso, houve grande atividade nessa época, consistindo a principal ocupação dos habitantes na construção de navios e no corte de madeiras. Embarcações de grandes dimensões foram antigamente construídas em São Francisco, bem como navios costeiros, por ordem de negociantes do Rio, Bahia e Pernambuco. A madeira usada era tão forte, segurando o ferro tão firmemente, que os navios construídos com ela eram da mais durável qualidade e mais estimados pelos portugueses e espanhóis do que os construídos na Europa. Em 1808, o Sr. Mame, um dos primeiros viajantes ingleses que estiveram no Brasil, escreveu que, por causa de sua construção de navios, o porto de São Francisco do Sul é provável que se torne um porto de considerável valor para o Brasil; e se fôsse ligado a Curitiba, cujo gado é julgado superior ao do Rio Grande, havia toda a probabilidade de que, um dia não muito distante, a frota portuguesa viesse aportar aqui para se suprir de provisões salgadas».

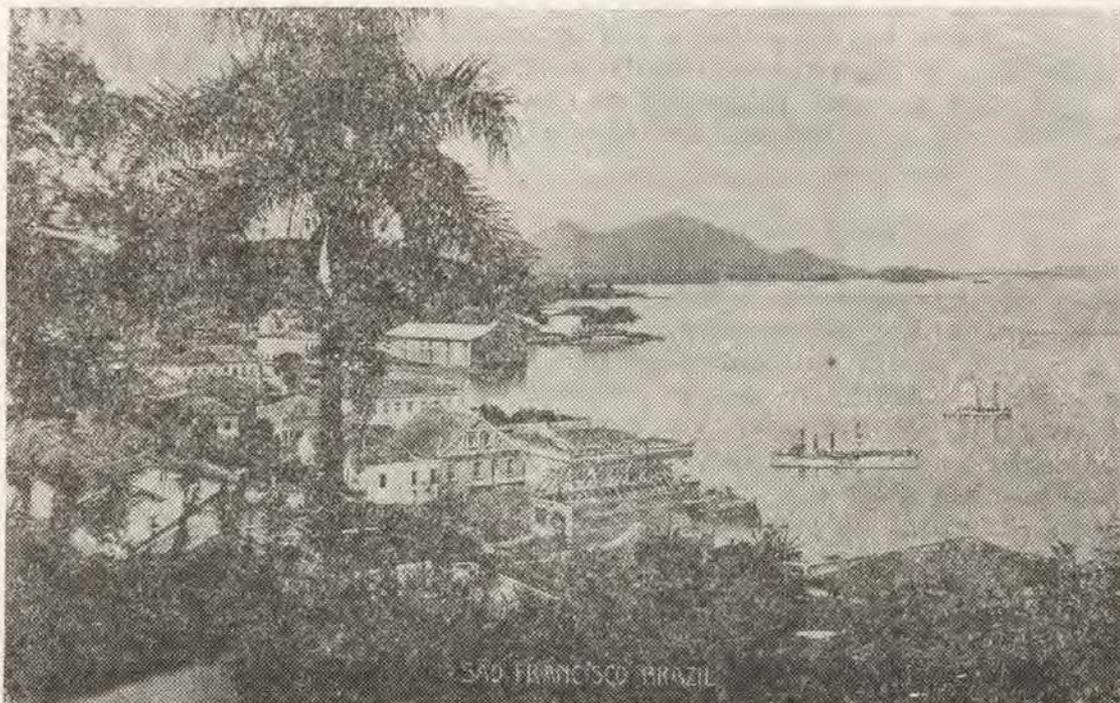
Quando contemplava as sossegadas ruas de São Francisco - quando observava a sua baía privada de qualquer navio que não fôsem os pequeninos costeiros, e os seus estaleiros, ativos em tempos passados, com apenas duas pequenas chalupas de mandioca em consêrto - pensei quanta diferença havia entre a realidade do presente e as considerações de meio século passado, relativas à atividade comercial e o futuro progresso desta cidade, situada nas águas da Babitonga, nome pelo qual a baía era conhecida dos indigenas. Pensava-se que o estabelecimento de uma colônia de europeus na vizinhança da decadente cidade a faria ressurgir; mas até aqui não se deu tal resultado, e temo que muitos anos se passem ainda sem que isto se venha a dar». (Do livro «PINHEIROS E MARINHAS - Paraná e Santa Catarina», de Ernani Silva Bruno e Dialas Riedel - Editora Cultrix Ltda - Rua Conselheiro Furtado, 520 - São Paulo, págs. 55 a 57).

Além dessas referências, nem sempre lisongeiras, à nossa terra natal, pelas quais, contudo, vem a saber-se de muita cousa que a engrandece no passado, levando-nos a esperar seu grandioso futuro, escreveu mais estas informações o mesmo viajante:

«Muitas vêzes, deixando meus companheiros, perdia-me nos caminhos umbrosos que se encontram e palhados por toda a região, e aí podia estar tão retirado como se estivesse distante mil milhas da convivência dos homens. Um de meus passeios favoritos era às ruínas de um velho convento no alto de um morro coberto de trepadeiras, perto do qual estavam as novas fundações de um hospital mandado construir em obediência a um voto de alguma rica senhora de São Francisco: temo que tendo falecido, a sua obra piedosa esteja em breve nas mesmas condições da dos Jesuitas». (Abramos um parêntesis para informar que êsse hospital nós o conhecemos, no local depois ocupado pelos depósitos

da firma Carlos Hoepcke & Comp., sendo as ruínas em referência as do morro do Hospício, ainda não há muitos anos existentes e por fim demolidas).

Continua o depoimento de Fletcher: «Em uma de minhas excursões, fiz uma visita à cadeia, cujo único ocupante era um alemão que, em um acesso de raiva, atirou no diretor da colônia hamburguesa. O prisioneiro parecia muito feliz, dadas as circunstâncias, tendo um quarto



Uma bela vista do porto de São Francisco do Sul, da mais antiga das cidades Catarinenses.

melhor do que o que ocupei em casa de Herr Sneider, e perfeita liberdade para ir onde lhe aprouvesse, em certas horas do dia. Da cadeia, entrei na grande igreja, situada perto do centro da vila. O soalho era todo construído de madeira, podendo ser levantado em seções, o que era sempre feito quando havia enterros. Aproximadamente há dois séculos, eram aqui enterrados os que morriam com a ardente esperança de serem levados mais depressa para o céu, por terem seus corpos no interior desses recintos feitos pela mão do homem. Um velho negro estava cavando uma sepultura, e de cada vez a sua pesada enxada (a pá é raramente usada) descia, esmagava ou quebrava cruelmente crâneos e costelas e tudo que era frágil em nossa pobre compleição humana. Os fragmentos eram jogados fora como se fossem a terra comum (Colonos na mata virgem - De São Francisco a Joinville - 1855. Capítulo de James C. Fletcher, no livro PINHEIRAIS E MARINHAS, da coleção HISTÓRIAS E PAISAGENS DO BRASIL págs. 70 e 71).

Agora, para concluir esta reportagem retrospectiva, a seguinte página do Visc. de Taunay:

Formado no encontro de outeiros um tanto elevados, a cujo sopé corre grosso regato de águas puras e borbulhantes, a criar, aqui e ali, pitorescas quedazinhas, ostenta aquele apertado vale (distante uma légua de Curitiba), vegetação bastante frondosa, na qual sobressaía então, à maneira de imensos ramalhetes versicolores, a florescência dos paus de quaresma, conhecidos em todo o Paraná pelo nome muito mais conciso e expressivo de aleluias.

E, com efeito, tão rápido é o desabrochar em flôres daquelas melastomáceas, tão repentina a sua expansão, que os bosques de súbito tomam aspecto festivo e de triunfal alegria, como que adornados da noite para o dia por mão misteriosa na exultação da natureza pelo fato maravilhoso que termina com tamanhos esplendores a melancólica e longa quadra da quaresma.

Entretanto em outras zonas o nome é diverso e essa variação perfeitamente se justifica pela diferença de latitude e diversidade nos meses de florescimento. Assim, em Santa Catarina, onde essas árvores costumam dar flor em dezembro e janeiro, não se referem mais a quaresma e à aleluia, porém são conhecidas pela denominação indígena, conforme as espécies. Sempre me hei de recordar da vivíssima impressão que tive ao chegar a São Francisco, em Santa Catarina, e ao avistar, no meio dos esplendores daquela incomparável baía, a cidade emergindo com suas casinhas alvas e a cúpula de azulejos azuis da sua matriz, de um fundo admirável de jacatirões, cobertos de flôres brancas, vermelho-avinhadadas e côr-de-rosa, que abundam nos outeiros a cavaleiro da povoação. Dizem que esta árvore denuncia terreno de pouca fertilidade, ao contrário do pau-d'alho, óleo vermelho e outras; a madeira é rijíssima, excelente para caibros, que resistem cem e mais anos, como há exemplos em São Francisco. A casca serve para curtir, e os pescadores a empregam nas rêdes de preferência ao angico por conter menos tanino e não cortar tanto as malhas». (PELOS VERDES CAMPOS - DE CURITIBA A PALMEIRA - 1886). Visconde de Taunay. De PINHEIROS E MARI-NHAS, páginas 103 e 104).

(X) Provavelmente êsse Sr. Fletcher exercia a profissão de co-pastor - vendedor de livros religiosos.



Cristovam Pereira de Abreu, em 1731, aproveitando-se da recente abertura da Estrada dos Conventos (da margem do Araranguá até a Vila de Curitiba) levou, por conta própria, dos campos do Sul até àquela Vila 800 cabeças de gado, gastando 13 meses no percurso. Na sua volta, trouxe mais 130 pessoas e 3.000 cavaladuras.

## PRIMEIRO CENTENÁRIO DA FREGUESIA DE SÃO LUIZ GONZAGA

AYRES GEVAERD

À admirável administração do Dr. Luiz Betin Paes Leme na direção das Colônias Itajaí - Brusque e Príncipe Dom Pedro, de 2 de março de 1872 a dezembro de 1875, devem as Comunidades Católica e Evangélica locais, o início da construção de seus primeiros Templos.

Além dessas iniciativas, cumpre destacar, agora que tanto se fala em integração através de estradas modernas, aquele diretor terminou e inaugurou a estrada Brusque - Itajaí, que mais tarde teria o seu nome. Melhorou o caminho, transformando-o em estrada, para Gaspar e cuidou em ligar as duas Colônias ao vale do rio Tijucas. Estendeu seus cuidados na instalação de novas escolas e à agricultura, em particular, realizando quatro exposições de produtos agrícolas. O próprio presidente da Província inaugurou a primeira exposição e em seguida a nova Casa da Diretoria.

É de justiça salientar que o conjunto das realizações de Paes Leme se harmonizaram com iguais iniciativas, pioneiras, do primeiro Diretor Barão Maximiliano de Schnéeburg. Em síntese, Luiz Betin Paes Leme objetivou as principais obras iniciadas pelo barão.

Na última fase da demolição de nossa primeira Igreja católica, foi encontrado, em um nicho, fragmentos de um documento provavelmente a ata de instalação da pedra fundamental, moedas, uma

garrafa e uma fotografia do diretor Paes Leme, bastante nítida, com a seguinte dedicatória: «Lembrança e amizade ao Revmo. Pe. A. Gattone - Luiz Betim Paes Leme. Colônia Itajahy, 28 de setembro de 1872». E a seguinte nota, em alemão, firmada pelo padre A. Gattone: «Fotografia do senhor diretor Luiz Betin Paes Leme, ao qual esta Colônia muito deve; iniciou a construção desta Igreja em honra do santo nome de seu Patrono. Deus o abençõe e o conserve».

A eloquência do testemunho do primeiro Cura de Brusque possivelmente influiu na indicação do padroeiro da Colônia, «São Luiz». Padre Eloy D. Koch S. C. J. em seu livro «Catolicismo - Centenário de Brusque», afirma que a denominação dada, segundo registro de Padre Antonio Eising, mais tarde Frei Capistrano pois ingressara na Ordem Franciscana, foi em homenagem ao Diretor Luiz Betin Paes Leme.

O registro das principais ocorrências no campo espiritual desde os primeiros dias da Colônia até a data da Lei que a elevou à condição de Freguesia, se impõe, porque devem elas ser lembradas nas comemorações do primeiro centenário de São Luiz como padroeiro de Brusque. E mais ainda, cumpre lembrar a primeira Padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ou simplesmente, Marien Hilf, tão cara aos primeiros católicos de Brusque originários de Baden, Alemanha.

Em outubro de 1860 o diretor Barão Maximiliano de Schnéeburg, em seu segundo relatório, encarecia a necessidade de um sacerdote para «confessar, casar e enterrar».

No dia 9 de junho de 1861 verificou-se a primeira visita de um padre, Alberto Gattone, á Colônia, na qual permaneceu por sete dias.

No documento de 20 de agosto de 1862 Schnéeburg informa que celebrou, mediante contrato assinado, vários casamentos que seriam abençoados na próxima visita do padre ou do pastor evangélico.

O relatório correspondente a 1862 registra a existência na Colônia de quatro capelas três delas já abençoados por Gattone. No dia 18 de fevereiro de 1863, quando da visita do padre, entre as manifestações de regozijo da parte de seus fiéis residentes na linha colonial de Guabiruba, o colono José Scharf esfacelou uma das mãos. Sua espingarda, que preparara para saudar o padre disparou acidentalmente. Scharf precisou ir a Itajaí, em canoa, para medicar-se.

Ainda em 1862, o barão oficiava ao presidente da Província, que era padre e por essa razão, achava o diretor, sempre zeloso com os problemas espirituais de seu povo, o pedido seria atendido facilmente: «Constando-me que a Assembléia Legislativa Provincial se ocupará também da organização dos limites das Freguesias existentes e das a criar, e na esperança de que a Colônia Brusque, que de modo nenhum está compreendida nos limites da nova Freguesia de São Pedro Apóstolo (Gaspar),

seja em tempo competente também elevada à categoria de Freguesia, etc».

Acharam as autoridades Provinciais que ainda não era tempo hábil para a criação de nova Freguesia.

Segundo se observa nos documentos coloniais, a primeira capela da Colônia foi a de Guabiruba do Norte, dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em Guabiruba Norte Alta havia outra, sob a invocação de Nossa Senhora da Ajuda.

Em 1864 o número de capelas subira a cinco. A 21 de maio desse ano os colonos Pedro José Werner e Pedro J. Heil pediram à administração da Colônia permissão para construir, com recursos próprios e de outros fiéis, uma igreja na sede em substituição à capela existente sob a invocação de Nossa Senhora do Socorro, «por ser esta a padroeira escolhida da Colônia». Encaminhando o pedido ao presidente da Província, Schnéeburg sugere a construção, por razões que explica, no fim da rua Principal, em uma «colina ainda com mato». Entretanto, segundo outro documento de 21 de maio, e como resultado da reunião dos colonos citados e outros, foi resolvida a construção no lugar demarcado pelo então presidente Pedro Leitão da Cunha, «por suas próprias mãos para a futura igreja do governo».

Essa igreja, se é que se pode dar essa denominação, tinha 42 palmos de frente por 72 de fundos construída com esteios, «paos de pluno, enrripada e barreada», foi



**Dr. Luiz Betim Paes Leme, um dos mais eficientes e operosos diretores da Colônia Brusque.**

solene e festivamente abençoada nos dias 17 e 18 de novembro de 1866 sob a invocação de Nossa Senhora das Dóres. Gattone rezou a primeira missa cantada em Brusque e abençoou o sino, famoso hoje, denominado «Ana Suzana», guardado no Museu de Azambuja. Disse o barão em documento que «a missa foi celebrada pelo padre Alberto Gattone estando presentes para cima de 300 pessoas, além das que ficaram do lado de fora». Curioso: Schnéeburg e Gattone não se «quadravam». O nosso barão queixava-se frequentemente de atitudes pouco coerentes e diplomáticas do padre. O primeiro diretor, segundo se observa em muitos documentos, tinha mais afinidade com o pastor evangélico. Porém, cumpre destacar, Schnéeburg jamais deixou de

atender pedidos do padre e de seus fiéis.

Ainda em 1866 a 15 de agosto, Cattone abençoou nova capela em Guabiruba, com o nome de Nossa Senhora Auxiliadora (Marien Hilf), construída por iniciativa do colono viúvo Klein e família João Kormann.

A 16 de abril de 1867 foi criada por Portaria Imperial a Capelania e nomeado o padre Alberto Gattone primeiro Cura com residência fixa.

Tranquilizou-se a Comunidade católica. Afinal, tinha sua igreja, simples, modesta «de paos de plumo, enripada e barreada, com pequena torre e um sino de quase sete arrobas, etc. «e o seu Cura, para «confessar, casar e enterrar» na pitoresca expressão do barão. E nos dias de descanso e festivos faziam soar o «Ana Suzana» aquele sino que servia para «afugentar as tempestades do céu de Brusque».

Antes, Gattone atendia, simultaneamente a Colônia dos Belgas (Ilhota), São Pedro Apóstolo (Gaspar) e Brusque.

Um documento de 6 de janeiro de 1871, de n.º 4, anota que um abastado doutor do Tyrol - Austria, remeteu para a Igreja Católica da Colônia, paramentos, atendendo pedido feito pelo padre Gattone, a caritativos europeus. Como o referido doutor remetesse os paramentos para o Rio de Janeiro, via Hamburgo, a alfândega cobrou

do consignatário 125\$000. Gattone reuniu 65\$000 e o restante pediu ao governo da Província.

No dia 26 de maio de 1872 nossa Cura pede ao diretor Paes Leme para que a verba de 300\$000 destinada à capela da Colônia Príncipe Dom Pedro (Águas Claras) fosse empregada na reedificação da capela de N. S. do Bom Socorro, que é a primitiva da Colônia Brusque. Paes Leme considerou justa a petição e a endossou ao presidente provincial.

Paes Leme a 1 de agosto de 1872, justifica junto aos seus superiores, o esforço de seus colonos, católicos e evangélicos, no sentido de edificarem definitivamente, seus Templos.

Finalmente, em fins de 1872 a população católica da Colônia assistiu a um acontecimento inédito, o lançamento da pedra fundamental da primeira igreja com planta previamente estudada e aprovada. E os evangélicos, por sua vez, a 10 de junho de 1873 iniciaram a construção de seu Templo, que se conserva ainda hoje, perfeito.

O início da construção da igreja católica verificou-se somente a 21 de junho de 1874 e foi abençoada três anos depois, em 1877.

Luiz Betin Paes Leme não assistiu à inauguração e bênção das duas igrejas pelas quais tanto se empenhara pois deixou sua Colônia em dezembro de 1875, chama-

do pelo Governo Imperial para dirigir os Correios gerais do Brasil.

Seis anos depois, em outubro de 1881 retornou, em visita, sendo alvo de carinhosa recepção.

A 31 de julho de 1873 veio o desmembramento pelo qual tanto trabalharam Schnéeburg e Paes Lemes: Lei nº 693- Pedro Afonso Ferreira, Presidente da Província de Santa Catarina, etc.. Artigo 1º - Os Distritos das Colônias Itajaí e Dom Pedro ficam desmembrados da Freguesia do Santissimo Sacramento do Itajaí, para formarem nova Freguesia, com a denominação de São Luiz, a qual é criada precedendo licença do Ordinário, na forma da Constituição do Bispado.

Artigo 2º - Os Limites da nova Freguesia são os mesmos dos atuais Distritos coloniais.

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sete anos depois da Lei que criou a nova Freguesia foram estabelecidos seus limites, com exatidão, pela Lei nº 865.

«Os limites da Freguesia de São Luiz Gonzaga das Colonias Itajaí e Príncipe Dom Pedro são: pelo leste, o ribeirão da Limeira e seus afluentes na margem direita do Itajaí-mirim e na margem esquerda do Ribeirão Limoeiro e seus afluentes; e a oeste, rio Itajaí-mirim e seus afluentes até os terrenos devolutos ora existentes.

# Estante Catarinense

CARLOS BRAGA MUELLER

O VENDEDOR DE MARAVILHAS - Jair Francisco Hamms - Editora EDEME - Florianópolis - 1973.

Este é o segundo livro de Hamms, o ficcionista que recolhe do cotidiano o material para os seus contos.

E então, ficamos na dúvida: é ficção ou realidade aquilo que estamos lendo? Hamms situa-se ele mesmo como personagem em muitas de suas histórias, para não dizer a quase totalidade. Ora está hospedado no México, na casa de um rico e excêntrico mexicano (a «tirada» de Pelé é uma das mais engraçadas do livro); de outra feita Hamms reencontra nos Estados Unidos um americano (ou seria inglês) que conhecera no Rio, numa história (ou estória) que, fugindo ao estilo de humor-negro do autor, é profundamente humana, com um desfecho lacrimoso.

Não gostamos, sejamos sinceros, de alguns diálogos em que Hamms apela para o popularesco, para o linguajar do ilhéu. Por exemplo, ao invés de «também», oparece a grafia como o homem simples pronuncia esta palavra: «tomém», e assim por diante. Às vezes palavras escritas assim tornam-se até interessantes, como «rádinho de pilha», ou coisa que o valha. Mas excessivamente usado, o estilo cansa e desagrada.

Em contrapartida, eis o grande, o imenso mérito deste escritor: ele é o cronista dos fatos da ilha. E não só da ilha, mas também dos municípios vizinhos e, de modo geral, abrange todo o estado catarinense nos seus escritos. Fulano nasceu em Blumenau e se tornou ladrão de galinha. Sicrano é coletor de um município lá do interior e, para matar sua fome (porque o salário é ínfimo), recebe propinas dos «senhores» de terras.

Excelente, por exemplo, a comparação que o escritor faz de várias personagens célebres com figuras do dia-a-dia florianopolitano: são músicos, escritores, filósofos, grandes mestres que estão presentes na vida de Hamms, travestidos em barbeiros, engraxates peixeros e pedindes, cuja semelhança física com os célebres personagens é enfocada de maneira bastante divertida

Muito importante também, que a produção literária de Hamms segue um ritmo excelente. Pelo menos temos encontrado um conto seu por semana, em jornal da capital. Isso é animador e deve fazer com que outros se animem. Tirem seus contos da gaveta, façam-nos publicar, à custa de sacrifícios, bem o sabemos. Mas mostremos que em Santa Catarina também se escreve. E bem. Como Hamms demonstra nesse «O Vendedor de Maravilhas».

## TRES PINGOS DE HISTORIA

★ Como se denominavam as principais ruas de Blumenau no fim do século passado? As ruas da então Vila, não eram muitas. Havia a que margeava o Itajaí Açu e que era trecho do Caminho que ligava Blumenau a Gaspar e Itajaí. Essa rua, entre o começo da atual Alvin Schrader até, mais ou menos, a «Casa Fritz Müller», era, no tempo da Colônia, conhecida como «Vorstadt» (arrabalde, subúrbio). Depois que ali se construiu o Hospital (1874) ela passou a ser conhecida como «Rua do Hospital».

A rua 15 de Novembro era conhecida por Rua Itajaí. A atual Alameda Rio Branco tinha o nome de «Kaiserstrasse» (Rua do Imperador); a atual Duque de Caxias era denominada «Rua da Alameda»; a Marechal Floriano era a rua do Retiro e a atual Santo Antônio, entre o Convento e o Colégio dos Franciscanos havia sido dado o nome de «Rua de A-brantes», em homenagem ao Marques desse nome, amigo do Dr. Blumenau.

★ ★ Parece que foi Eduardo Schadrack, a quem pertenciam aqueles terrenos, que mandou abrir, ainda no tempo da Colônia, a atual Rua Angelo Dias. Esta, por muitos anos e até as primeiras décadas deste século, era conhecida como «Gespensterstrasse» (Rua do Fantasma). A esse respeito conta-se um fato picaresco que, por enquanto, não se pode publicar. Essa rua passou a chamar-se Quatro de Fevereiro depois da criação do Município, pela lei n.º. 860, de 4 de fevereiro de 1880. Numa das primeiras sessões da Câmara, a 3 de fevereiro de 1883, foi proposta e aceita a mudança do nome da «Rua Alameda» para o de «Boulevard Wendeburg», nome, aliás, sugerido pelo Dr. Blumenau e a da atual Alvin Schrader, que se chamava «dos Atiradores» desde 1860, para Rua Taunay.

★ ★ ★ Essa nomenclatura dos logradouros urbanos não era lá muito bem observada. E tanto assim, que quando foi proclamada a república (7 anos depois da instalação da Câmara) a Indendência, ignorando nomes dados anteriormente, passou a batizar as principais vias públicas mais republicanamente. Ignorando, por exemplo, que a rua da Alameda já havia sido dado oficialmente o nome de «Boulevard Wendeburg», deu-lhe o de 15 de Dezembro. A rua do Imperador passou a chamar-se «Sete de Janeiro». A Rua do Hospital teve o seu nome mudado para o de «Rua 13 de Maio» e, finalmente, a Rua Itajaí passou a chamar-se «Rua 15 de Novembro».

Desses nomes, só conseguiu atravessar esses anos todos até hoje o da Rua 15 de Novembro. Esta última e porque fosse mais cheia de curvas do que hoje é, estreita e comprida, davam-lhe a denominação de «Wurstrasse» (Rua da Linguça).

Como se vê, as ruas blumenauenses não chegavam a uma dúzia. E hoje, elas já ultrapassaram o número de 1.000. Progresso, não há dúvida.

## 28 DE JULHO, UMA GRANDE DATA NA HISTÓRIA DE BLUMENAU

Neste mes de julho de 1972, transcorre o 80º aniversário de um acontecimento muito significativo nos fastos blumenauenses. É que, a 28 desse mes, em 1893, verificou-se o episódio conhecido como o «Combate do Morro do Aipim», fato que, mais uma vez, destacou o grande amor do blumenauense à sua Comuna e a sua decisão de defendê-la em qualquer emergência e a custa de todo sacrificio.

1893 e 94 foram dois anos amargos para Blumenau. Na defesa dos seus ideais republicanos, Blumenau envolveu-se seriamente nos acontecimentos políticos que sacudiram violentamente o Estado e que culminaram com o triste episódio da Revolução Federalista.

Inteiramente ao lado de Floriano Peixoto, Blumenau não podia compartilhar da politica arbitrária e violenta implantada pelo Governo do Tenente Machado e seus seguidores. Rebelou-se e, armando uma coluna de «Guardas Cívicos», levou, embora passageiramente, o seu lider Hercilio Luz ao governo do Estado, depondo, pela força o vice-governador em exercício, Eliseu Guilherme.

E, enquanto a «Guarda Cívica» marchava para Desterro no desempenho da difícil e arriscada tarefa, Eliseu Guilherme manda uma força de policiais, já havia tempo estacionada em Itajaí, composta de cerca de 250 homens de cavalaria e infantaria, atacar Blumenau e ocupá-la. Desfalcada dos mais arrojados dos seus homens, e sem a presença dos seus líderes, que haviam seguido para a capital do Estado vir Brusque e Tijucas, os moradores de Blumenau reuniram às pressas os poucos homens capazes que ainda se encontravam na então Vila. Estes, armados com as poucas carabinas e espingardas ainda disponiveis entrincheiraram-se nas encostas do Morro do Aipim. Quando a tropa do governo apontou na curva do caminho (nas imediações da atual rua Pedro Krause) os blumenauenses abriram fogo contra os cavaleiros que vinham à frente dos policiais. Estes, tomados de surpresa, pois acreditavam estivesse a cidade indefesa, trataram de ocupar trincheiras naturais e posições de onde pudessem responder ao fogo dos Blumenauenses.

Mas, fizeram-no em tal confusão e desordem que o combate não durou mais de um quarto de hora. A tropa do governo pôs-se em fuga desordenada, deixando no local do combate 2 mortos, 14 carabinas «comblain», 20 baionetas e cerca de 20.000 cartuchos, «kepis» etc. e mais de 30 feridos. Na retirada à caminho de Itajaí muitos soldados foram desertando, não tendo chegado ao destino, dos 200 e tantos homens da tropa, senão uns 100.

Os blumenauenses, que eram em número de apenas 60 homens, não sofreram absolutamente nada, nem um arranhão sequer.

A data deve ser lembrada, não como a rememoração de um feito bélico, mas como uma afirmação do amor do blumenauense não, apenas à sua pequena comunidade, mas ao seu Estado e à própria Nação, naquela oportunidade também ameaçada na sua ordem constitucional, na sua tranquilidade e no se desenvolvimento.

## INTELETUAL CATARINENSE CANDIDATO À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O nosso ilustrado conterrâneo, Professor Arnaldo S. Thiago inscreveu-se candidato a uma das cadeiras do «Petit-Trianon», na vaga aberta com o falecimento recente de Joracy Camargo, o conhecido teatrólogo-autor, entre muitas outras peças, de «Deus lhe pague!» de retumbante sucesso nos palcos nacionais e mesmo do exterior.

Arnaldo S. Thiago, autor de uma série de livros de história, de filosofia, de literatura é um poeta de grandes merecimentos, além de ocupante da Cadeira nº 19 da Academia Catarinense, Sócio honorário da Sociedade Brasileira de Filosofia e de outros institutos culturais do país da Itália.

Com os nossos votos para que o ilustre intelectual «barriga-verde» alcance, como justo prêmio aos seus merecimentos e ao muito que tem feito pelas letras pátrias, a imortalidade a que aspira, publicamos, abaixo, um dos seus sonetos, do livro ainda inédito, «A nova Estrada de Damasco»:

### NO LIMIAR DO ETERNO

Estancou-se-me nalma a fonte augusta  
De onde sempre me vinha a Poesia,  
Fluindo em borbotões. quando fluía  
A idéia cintilante, acerba, justa.

Nunca mais eu senti aquela onusta  
Firmesa de pensar, com que exprimia  
O turbilhão de idéias, que fremia  
Na mente, a condenar a causa injusta!

Adormeceu-me nalma a consciência?  
Não! Mas agora, àquela refulgência,  
Branda Luz sobrepõe-se e me extasia,

Sucedee a realidade à fantasia.  
Pertença agora mais à humanidade,  
Aprendendo as lições da CARIDADE.

# Companhia COMERCIAL SCHRADER

---

BLUMENAU — Santa Catarina  
Caixa Postal 4 - Telegramas «CIASCHRADER»

110 anos de tradição no comércio do  
Vale do Itajaí

Séde, Administração, Escritório e Lojas  
Rua 15 de Novembro, 117  
Telefones: 22-0411 e 22-0736  
Depósitos: Rua Itajaí, 260  
Telefone: 22-0429

Oficina mecânica especializada "MERCEDES BENZ"

Rua Itajaí, 625  
Telefone: 22-0450

Revendedores de Chassis e Peças «MERCEDES BENZ»  
Lubrificantes «MOBILLOIL»; pneus e camaras de ar  
«DUNOLP» e «PIRELLI»

Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e "SANTA CRUZ"

Cia. de Seguros Gerais

Telefone: 22-1024

# Companhia Industrial Schlösser S/A.

Avenida Getúlio Vargas, 151 — C. Postal, 17 — Fone, 1178

BRUSQUE — SC



F A B R I C A M :

Fios de Algodão,

Brins,

Tecidos lisos,

Xadrêses,

Jacquard de algodão,

Toalhas felpudas de banho,

Rosto e panos de copa.

(Impresso na Tipografia Centenário de Timbó Ltda.)